

O GÊNERO *SEMINÁRIO ACADÊMICO*: INSTÂNCIAS CONSTITUTIVAS E MEDIÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Rodrigo ACOSTA-PEREIRA

Amanda Maria de OLIVEIRA

Luan KOROLL

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Diferentes abordagens teórico-metodológicas têm buscado compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros do discurso/textuais. No trabalho em tela, objetivamos delinear uma discussão teórico-metodológica acerca do gênero do discurso *seminário* da esfera acadêmica/universitária sob uma perspectiva dialógica. Para tanto, revisitamos os estudos do Círculo de Bakhtin em torno das instâncias constitutivas dos gêneros do discurso e discussões em Linguística Aplicada acerca da mediação didático-pedagógica a partir de uma visão enunciativo-discursiva de linguagem. A discussão caracteriza-se essencialmente teórica e, a nosso ver, colabora para as discussões/inquietações atuais, no campo da Linguística Aplicada, sobre a constituição e o funcionamento dos gêneros na esfera acadêmica.

Palavras-chave: Gênero seminário acadêmico. Regularidades estilístico-composicionais. Situação de interação. Círculo de Bakhtin.

THE *ACADEMIC SEMINAR* DISCOURSE GENRE: CONSTITUTIVE INSTANCES AND PEDAGOGICAL MEDIATION

Abstract: Different theoretical and methodological approaches have sought to understand the constitution and the functioning of speech/text genres. In the present work, we aim at discussing theoretically and methodologically about the discourse genre academic *seminar* through a dialogic approach. To do so, we review Bakhtin's Circle studies concerning the constitutive instances and the Applied Linguistic investigations about didactic mediation through an enunciative and discursive view of language. This work is characterized essentially theoretical and, in our point of view, it collaborates to the contemporary discussions, in Applied Linguistic field, about the constitution and the functioning of discourse genres in the academic sphere.

Keywords: Academic seminar discourse genre. Compositional and stylistic regularities. Interaction. Bakhtin's Circle.

EL GÉNERO *SEMINARIO ACADÉMICO*: INSTANCIAS CONSTITUTIVAS Y MEDIACIÓN PEDAGÓGICA

Resúmen: Diferentes Enfoques teóricos y metodológicos han tratado de comprender la constitución y el funcionamiento de expresión géneros del discurso/del texto. No trabajo a seguir, el objetivo de esbozar una discusión teórica y metodológica sobre el seminario género de discurso de la esfera académica / universitaria bajo una perspectiva dialógica. Por lo tanto, vamos a retomar los estudios del Círculo Bajtín alrededor de los órganos integrantes de géneros de discurso y discusiones en Lingüística Aplicada en la mediación didáctica y pedagógica desde una visión de enunciación discursiva del lenguaje. La discusión se caracteriza esencialmente teórico y, en nuestra opinión, contribuyen a las discusiones / preocupaciones actuales en el campo de la lingüística aplicada , sobre el establecimiento y funcionamiento de los géneros en el ámbito académico.

Palavras-clave: género seminario académico. Regularidades estilístico – compositivas. Situación de interacción. Bajtín círculo.

INTRODUÇÃO

Utilizamo-nos de textos-enunciados¹ diversos para nos comunicar na esfera acadêmica (ACOSTA-PEREIRA; BRAGA, 2015). Sejam escritos, orais ou multissemióticos, são os textos-enunciados que medeiam nossas interações (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929]; MEDEVIÉDEV, 2012 [1928]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]), não apenas relativamente regularizando-as, como, por conseguinte, constituindo-as de sentido. Um dos textos-enunciados do qual alunos e professores na universidade se utilizam para apresentação de trabalhos científicos é o *seminário acadêmico*.

E é sobre esse texto-enunciado típico, multissemiótico, que vamos discutir a seguir. Dada a compreensão de que coparticipamos de diferentes eventos de letramento (HEATH, 1982) mediados por gêneros do discurso, textos-enunciados relativamente estáveis e típicos que medeiam determinadas situações interlocutivas, nossa discussão em torno do *seminário acadêmico* se dará sob o matiz da teoria enunciativo-discursiva do gênero (BAKHTIN, 2003[1979]; MEDEVIÉDEV, 2012 [1928]).

¹ Empregamos, ao longo da discussão, a denominação *texto-enunciado*, pois compreendemos que o texto e o enunciado, sob o âmbito dos escritos do Círculo, compartilham das mesmas características constitutivas e funcionais.

Iniciamos nossa discussão apresentando algumas considerações em torno (1) da concepção de gênero do discurso para o Círculo de Bakhtin; (2) da finalidade discursiva do gênero *seminário acadêmico*, objetivando compreender o que é um seminário e seu fim nas situações interativas na universidade; (3) do conteúdo temático do gênero *seminário acadêmico*, procurando entender como esse texto tematiza seu objeto de discurso; (4) do estilo e da composição do gênero *seminário acadêmico*, visando a entender particularidades linguístico-textuais, disposição material e mobilização dos participantes engendrados nesse texto-enunciado na universidade e, ao final, (5) do papel dos gêneros do discurso como articuladores/mediadores das práticas de ensino e de aprendizagem, intencionando discutir como, a partir dos gêneros do discurso, podemos mediar ações didático-pedagógicas com foco na linguagem em uso nas práticas interlocutivas correntes à luz de uma abordagem didático-pedagógica operacional e reflexiva, não apenas na Educação Básica, mas, sobretudo, na Educação Superior.

1. OS GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

O Círculo de Bakhtin compreende que todos os usos da língua, na forma concreta de enunciados, são relativamente estabilizados na forma de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003 [1979]; MEDEVIÉDEV, 2012 [1928]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]). Os gêneros, portanto, não apenas significam nossas interações, como, por conseguinte, orientam-nos no processo interlocutivo a partir da tipificação de três instâncias constitutivas: o conteúdo temático, o estilo e a composição. As três instâncias, organicamente indissolúveis e imbricadas constituem-se como elementos regularizadores (relativamente normativos) que acabam, por sua vez, dando à palavra (nossos enunciados) uma certa “[...] expressão típica” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 293).

No gênero a palavra ganha certa expressão típica. Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas. (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 293, grifo do autor).

Como pontuam Acosta-Pereira (2012) e Rodrigues (2001), todos os usos da língua na forma de enunciados (unidades da comunicação verbal) são únicos e irrepetíveis, mas,

enquanto elo na cadeia da comunicação verbal, se inscrevem (são balizados) dentro de uma formulação (feição) genérica típica, compartilhando de determinadas características comuns aos enunciados de dada situação de comunicação. A partir disso, podemos entender que as três dimensões constitutivas dos gêneros, como bem pontua Acosta-Pereira (2012), são complementares entre si e se constituem relativas às especificidades provenientes de cada campo de uso da língua. O quadro abaixo sintetiza (não de forma exaustiva) as discussões do Círculo em torno das três instâncias do gênero à luz do projeto discursivo do sujeito-autor:

Tabela 01- Instâncias constitutivas dos gêneros do discurso

Instâncias constitutivas	
Conteúdo temático	Tematização de um objeto discursivo a ser significado/discursivizado no gênero. É a unidade de sentido sob determinada orientação ideológico-valorativa/axiológica.
Estilo	Agenciamento de determinados recursos léxico-gramaticais a fim de tornar dizível determinado conteúdo no/pelo gênero.
Composicionalidade	Orquestração, disposição e organização do conteúdo dizível e a mobilização dos participantes da comunicação.

Fonte: Bakhtin (2003 [1979])

Cabem nesse momento duas ressalvas. A 1ª diz respeito ao pressuposto de que, embora as instâncias aqui elencadas estejam discutidas separadamente, funcionam de forma imbricada na organicidade do gênero (ACOSTA-PEREIRA, 2012; RODRIGUES, 2001). A 2ª respeita a questão de não compreendermos os gêneros, sob o escopo epistemológico do Círculo, apenas à luz das três instâncias, mas a partir delas, revisitarmos as discussões sobre dialogismo, interação, ideologia e valoração² endereçadas nos escritos dos pensadores do Círculo e que nos conduz à compreensão dos gêneros como unidades de comunicação relativamente estáveis ideológico e valorativamente tipificadas nas plurais situações de interlocução das quais coparticipamos³.

² Ver as discussões de Acosta-Pereira; Rodrigues (2014) sobre a inter-relação entre ideologia e valoração.

³ Em função do espaço, não discutiremos essas questões no presente ensaio, mas sugerimos a leitura de Acosta-Pereira (2012) e Rodrigues (2001), além dos próprios escritos do Círculo.

Após as ressalvas, voltemos à discussão. De acordo com os escritos do Círculo, é o gênero do discurso que orienta o falante no processo discursivo e o interlocutor no relativo acabamento do enunciado. Assim, para Bakhtin (2003 [1979]), por mais diferentes que sejam os enunciados, estes, como unidades de comunicação discursiva (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]), possuem características comuns, que os determinam e lhes dão acabamento, dentre essas, as formas típicas de gênero. Com isso, podemos compreender que os gêneros do discurso, em relação ao falante/locutor, podem ser considerados como um modelo relativamente estável para a construção da totalidade discursiva, o enunciado; por outro lado, em relação ao interlocutor, os gêneros funcionam como um horizonte de expectativas, sinalizando ao interlocutor sua extensão, sua composição, assim como a posição valorativa expressa/engendrada no enunciado.

Ao se relacionar com o discurso do outro, o interlocutor, desde o início, infere o gênero no qual o enunciado se encontra moldado e, dessa forma, as propriedades genéricas em questão já se constituem em índices indispensáveis à compreensão do enunciado. Tais índices funcionam como instâncias constitutivas dos gêneros: a finalidade discursiva, o conteúdo temático e a construção estilístico-composicional, (questões/instâncias a serem discutidas nas próximas seções).

Além disso, cabe também ressaltar que, como explica Medviédev (2012 [1928], p. 193), o gênero é uma forma típica do todo do enunciado; isto é, “o significado construtivo de cada elemento [do/no enunciado] somente pode ser compreendido na relação com o gênero. [...] o gênero é uma totalidade típica do enunciado [...], uma totalidade essencial.” Ademais, para o autor, todo gênero do discurso se constitui e funciona sob a ordem de uma dupla orientação na realidade: (i) a orientação exterior e (ii) a orientação interior.

Em relação à dimensão exterior, todo gênero do discurso se direciona para os ouvintes e para determinadas condições de sua realização em situações interlocutivas ancoradas em circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas específicas. Dessa forma, todo gênero “[...] entra na vida e está em contato com os diferentes aspectos da realidade circundante mediante o processo de sua realização efetiva, como executad[o], ouvid[o], lid[o] em determinado tempo, lugar e circunstâncias.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 195). Quanto a sua dimensão

interior, por sua vez, todo gênero tem certa determinação temática, “[...] inseparável tanto do todo da situação do enunciado quanto dos elementos linguísticos.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 197). A partir disso, fica evidente que

[...] as formas do todo, isto é, as formas do gênero, determinam substancialmente o tema. [...] como consequência, a unidade temática é inseparável de sua orientação original na realidade circundante, isto é, inseparável das circunstâncias espaciais e temporais. Assim, entre a primeira e a segunda orientação [...] na realidade (orientação imediata a partir de fora e temática a partir de dentro), estabelece-se uma ligação e uma interdependência indissolúveis. Uma é determinada pela outra. A dupla orientação acaba por ser única, porém, bilateral. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 197).

Dadas as discussões iniciais nessa seção acerca do conceito de gênero do discurso, direcionamo-nos para as suas instâncias constitutivas com foco no funcionamento do gênero *seminário acadêmico*.

2. A FINALIDADE DISCURSIVA DO GÊNERO *SEMINÁRIO ACADÊMICO*

Na universidade, são multivariados os eventos de letramento⁴ dos quais coparticipamos (ACOSTA-PEREIRA; BRAGA, 2015). Um desses eventos diz respeito à apresentação de trabalho científico, evento mediado pelo texto-enunciado *seminário acadêmico*. O seminário é um texto-enunciado típico que medeia eventos de apresentação, com uso de recursos multissemióticos, de pesquisas por um aluno ou grupo de alunos.

Sob essa perspectiva e ao entender finalidade discursiva como o projeto discursivo do sujeito-autor em ligação intrínseca com o objeto de discursivo a ser tematizado no gênero (ACOSTA-PEREIRA, 2012), podemos compreender que **o seminário tem por finalidade a apresentação, em grande parte oral, com uso de recursos multissemióticos diversos, de resultados do trabalho de pesquisa realizado individualmente ou em grupo.**

⁴ Não discutiremos no referido artigo a diferença entre *eventos* e *práticas* de letramento. Contudo, consideramos, na discussão em tela, evento como situações interlocutivas/intersubjetivas mediadas por gêneros do discurso.

O seminário, embora seja apresentado da forma oralizada, em sua maior parte, se constitui, em adição, de outras semioses: a escrita, o audiovisual e o gestual, particularmente fazem também parte do seminário. Dessa forma, podemos compreender que o seminário é um texto-enunciado típico multissemiótico, porque agencia diferentes manifestações semióticas da língua: a fala, *slides* escritos, *handouts* escritos, vídeo, dentre outras modalidades. Além disso⁵,

O seminário consiste em buscar informações, por meio de pesquisa bibliográfica ou de entrevista de especialistas, discussão em grupo, confronto de pontos de vista, formulação de conclusões. Realizado o trabalho inicial, leva-se o resultado a uma assembleia para discussão. Todos devem participar. Não é o seminário uma assembleia para relatar informações tão-somente. (MEDEIROS, 2012, p. 18).

[...] seminário é o lugar onde germinam as ideias lançadas. (MINICUCCI, 1987, p. 221).

Seminário é uma técnica de estudo que inclui pesquisa, discussão e debate; sua finalidade é pesquisar e ensinar a pesquisar. Essa técnica desenvolve não só a capacidade de pesquisa, de análise sistemática de fatos, mas também o hábito do raciocínio, da reflexão, possibilitando ao estudante a elaboração clara e objetiva de trabalhos científicos. (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 35).

Com isso, o *seminário acadêmico* é um gênero do discurso que medeia eventos de letramento dos quais os sujeitos coparticipantes apresentam, com recursos semióticos multivariados, resultados de um trabalho científico desenvolvido de forma individual ou em grupo, conforme as orientações de um professor. O seminário tem por objetivo estimular a pesquisa, viabilizando espaços autônomos para o acadêmico investigar e refletir, conforme explica Medeiros (2012, p. 19): “outra finalidade [do seminário] é desenvolver a capacidade de pesquisa, de análise textual, de análise dos fatos. Exige habilidade dos participantes para o diálogo, o debate, a reflexão.”

Assim, o *seminário acadêmico* pode ser também compreendido como uma prática de estudo e de pesquisa, pois, para ser realizado, o aluno precisa se envolver com leituras sobre determinado tema que irá tratar, lendo e registrando as principais ideias. Além disso, com o seminário, o aluno assume uma postura autônoma e empoderada de agenciar conhecimento,

⁵ Neste momento, apresentamos diferentes posições acerca do seminário.

tomando voz na condução de sua própria aprendizagem, potencializando sua participação nas interações da aula. Ao final, concordamos com Baltar; Cerutti-Rizzatti; Zandomenigo (2011, p. 85-86) de que os seminários, na maioria das vezes, são realizados para atender às seguintes finalidades comunicativas:

- a) estudar temas pertinentes ao programa de uma disciplina os quais demandam conhecimentos mais aprofundados [...];
- b) analisar temas complementares ao programa de uma determinada disciplina [...];
- c) discutir temas atuais, de interesse geral, com ideias renovadoras.

Em síntese, o gênero *seminário acadêmico*, a nosso ver, é um texto-enunciado multissemiótico que promove e estimula o caráter investigativo e autônomo do aluno, possibilitando agenciar, na aula, eventos de letramento, nos quais os alunos coparticipam de forma autônoma e crítica, socializando, ao final, os resultados de uma ação investigativa ao grupo. Em outras palavras, o seminário não apenas medeia uma situação de ensino, como, por conseguinte, uma situação de aprendizagem, tornando alunos e professores interlocutores engajados em uma situação concreta de interação social.

3. O CONTEÚDO TEMÁTICO DO GÊNERO SEMINÁRIO ACADÊMICO

Sob o matiz dos escritos bakhtinianos, compreendemos o conteúdo temático do gênero como o objeto discursivo tematizado ou a unidade de sentido ideologicamente orientada no gênero (ACOSTA-PEREIRA, 2012).

A partir disso, o *seminário* pode abordar diferentes conteúdos temáticos, a depender das orientações do professor. Dadas as particularidades da área e da disciplina em questão, diferentes grupos podem se responsabilizar por abordar diferentes temáticas. Com isso, **todo seminário tem um conteúdo temático que diz respeito ao objeto discursivo pesquisado em diferentes referenciais, reunidos e organizados, após a leitura e registro, para a apresentação ao grupo, com o uso de diferentes recursos multissemióticos.** Um determinado tema, proposto para o *seminário*, é investigado e os resultados dessa investigação são retextualizados (MARCUSCHI, 2008) para apresentação ao grupo. Esse tema pode ser apresentado com o uso de diferentes recursos: *slides*, vídeos, *handouts*, por exemplo.

O conteúdo temático é variado e, como explica Medeiros (2012, p. 19), “ele pode ser de todo o tipo. Os mais comuns são: assuntos oriundos de uma disciplina, assuntos constantes de periódicos, assuntos da atualidade.” Cabe ao professor orientar a investigação e delimitar o conteúdo temático a ser pesquisado para o seminário. Como explica Gonçalves (2009, p. 07),

Para a mobilização dos conteúdos a serem [apresentados] em sala de aula, o estudante deve ler/participar de sessões de eliminação de dúvidas com o docente, participar de debates/informar-se sobre a temática. Na sala de aula, deve haver discussões acerca da temática sugerida pelo docente, seja através dos textos indicados pelo professor, seja por meio de textos extras trazidos pelos próprios alunos. [...] É necessário ainda para a geração de dados/informações, fazer uma seleção dos conteúdos disponíveis, reorganizá-los adequadamente a depender da finalidade da interação, hierarquizar informações/ideias, distinguir as principais das acessórias.

Para tematizar no gênero *seminário acadêmico* o objeto de discurso proposto, o aluno não apenas mobiliza saberes sobre esse objeto, a partir da orientação do professor, como, partindo dessa mobilização, os organiza e os sistematiza, delineando-os conforme as finalidades do seminário. Uma das formas de organizar e sistematizar as ideias do material lido, por exemplo, é o aluno se utilizar dos gêneros *resumo informativo*, *fichamento* ou *resenha*. Vejamos a seguir as particularidades estilístico-composicionais do gênero *seminário acadêmico* que, coatuantes com sua finalidade e conteúdo temático, constituem esse texto-enunciado típico da esfera acadêmica.

4. O ESTILO E A COMPOSIÇÃO DO GÊNERO SEMINÁRIO ACADÊMICO

O estilo, na acepção do Círculo de Bakhtin, corresponde à seleção típica de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua (BAKHTIN 2003 [1979]). Diz respeito às possibilidades de utilização de recursos linguísticos sob a baliza das feições genéricas. Em termos de estilo, isto é, de agenciamento de recursos linguístico-textuais no gênero, segundo Gonçalves (2009, p. 9), podemos entender que no texto-enunciado *seminário acadêmico* há:

- (i) o predomínio de sequências textuais explicativas e argumentativas (ADAM, 1992);

Segundo Adam (1992), as sequências textuais podem ser definidas como um conjunto de proposições psicológicas estabilizadas. O autor justifica essa conceituação a partir do raciocínio prototípico, uma vez que as sequências são definidas enquanto pontos centrais de categorização dos textos. Além disso, as sequências também funcionam enquanto recurso composicional dos vários gêneros. Nessa relação entre gêneros e sequências, Adam (1992) concebe os primeiros como componentes da interação social e os segundos, enquanto esquematizações que funcionam nos gêneros, ao mesmo tempo em que os atravessam. Em síntese, as sequências textuais apresentam menor variabilidade que os gêneros e, por isso, podem ser organizadas em tipologias.

No que se refere ao gênero *seminário* e considerando que seu intuito reside em transmitir, de forma estruturada, informações ou explicações para um dado grupo, Gonçalves (2009) afirma que há o predomínio das sequências textuais *explicativa* e *argumentativa*. Sobre a primeira, Adam (1992) afirma que se caracteriza pelo propósito de construir a “visualização” de uma ideia. Nesse sentido, seu emprego tem como justificativa a mudança de um estado de conhecimento. Para tanto, a sequência explicativa se realiza através de diferentes fases: (1) a preparação para a explicação; (2) apresentação da problemática; (3) explicação ou resposta para o questionamento levantado e (4) sumarização da resposta, ao mesmo tempo em que se pode avaliar a resposta dada.

Quanto à sequência argumentativa, Adam (1992) explica que há basicamente a intenção de convencimento e, diferentemente da anterior, de mudança de ponto de vista do interlocutor. Essencialmente, a sequência argumentativa se constrói a partir da retomada implícita de já-ditos, na medida em que essa retomada se dá ao mesmo tempo em que o interlocutor busca desconstruir ou ressignificar essa noção implicitamente trazida. Dito de outro modo, se constitui pelo argumento, pela conclusão e pelo atravessamento em um já-dito, trazido implicitamente.

- (ii) a predominância de frases/orações declarativas;

Ao levantar algumas das características que podem ser elencadas acerca do gênero *seminário*, Gonçalves (2009) explica que o estudante, ao apresentar um seminário, passa a ocupar um papel de especialista sobre dada teoria, assunto, etc. O interlocutor, por sua vez,

participa da interação com o intuito de aprender algo ainda desconhecido, ou em busca de ampliar seus conhecimentos anteriores. Dessa maneira, há peculiaridades que caracterizam essa situação de interação, posto que deve haver um domínio do que será dito ao grupo, bem como o emprego de estratégias de como realizar o projeto de dizer.

Em adição, o autor, com base em Bronckart (2003), explica que, no gênero *seminário*, há a predominância do discurso teórico. Em linhas gerais, nesse tipo de discurso há o uso de verbos no presente e pretérito perfeito do indicativo com caráter genérico, assim como forte presença de frases e orações declarativas, geralmente empregadas com o intuito de expor informações, relatos, definições, etc. Nesse sentido, o discurso teórico é marcado pela retomada de condições mais gerais, pela objetividade e impessoalidade.

A partir das características levantadas, é possível entender que a predominância das frases e orações declarativas no referido gênero é marcada pelas condições da situação social na qual o gênero estudado funciona, já que a interação mediada por ele requer formalidade e clareza, ao mesmo tempo em que necessita de suporte teórico que conceda propriedade à exposição, característica essa marcada pelo discurso teórico.

- (iii) a presença de formas verbais, em sua maioria, no presente do indicativo, com valor atemporal e afirmativas de valor universal;

Os verbos no presente do indicativo são agenciados no gênero *seminário acadêmico* não só com o intuito de introduzir os atos enunciativo-discursivos mobilizados pelos interlocutores ao longo do *seminário*, mas também em função da enunciação do objeto do discurso, qual seja, a tese (e os respectivos argumentos) oriunda de estudos legitimados/maturados pela esfera científico-acadêmica e previamente analisados pelos autores do *seminário*. As teses defendidas em textos-enunciados desse gênero, geralmente, são proposições que resultam da combinação de conceitos forjados em escopos teórico-metodológicos específicos. Tal operação objetiva significar ideologicamente um conjunto de valores e formas de cultura, de maneira a refletir e refratar a dimensão axiológica/valorativa da realidade social⁶.

⁶ Em conformidade com as discussões de Acosta-Pereira; Rodrigues (2014) referentes à perspectiva do Círculo de Bakhtin em torno da relação entre ideologia, valoração e linguagem.

A despeito da defesa de determinados modelos epistemológicos por meio da explicitação de conceitos “universais” em torno de uma tese específica, no entanto, o gênero *seminário* não procura esgotar a abordagem acerca de temas da esfera científico-acadêmica, mas tem por objetivo potencializar o desenvolvimento do ato dialógico, intensificando, dessa forma, a exposição de ideias divergentes originárias de possíveis conflitos de interesses. Os encaminhamentos resolutivos dessas tensões podem ser mediados a partir do agenciamento de recursos outros, tais como os expostos no tópico (v) desta seção.

- (iv) o uso recorrente da 1ª pessoa do plural, referindo-se à situação em ocorrência;

De acordo com Gonçalves (2009), os expositores do gênero *seminário* agenciam a 1ª pessoa do plural a fim de corroborar duas funções, quais sejam: (1) referenciar os integrantes da apresentação; e (2) referenciar os interlocutores a fim de mobilizar a interação global. A partir desse apontamento, destacamos que, apesar de os expositores do *seminário acadêmico*, de modo geral, estruturarem seu texto-enunciado com base na reenunção das vozes de outrem, os discursos que sustentam os enunciados proferidos pelos integrantes do *seminário* recebem, necessariamente, tonalidades valorativas oriundas de uma posição autoral.

Por se tratar de uma unidade real e acabada de comunicação discursiva resultante de um processo de compreensão de natureza ativamente responsiva (BAKHTIN, 2003 [1979]), entendemos que o texto-enunciado do gênero *seminário acadêmico* precisa ser construído a partir de uma posição autoral responsável dos expositores. Para tanto, é imprescindível que os autores do *seminário* se reúnam previamente à sua apresentação a fim de, dentre outras questões, definirem seu projeto de dizer, posicionando-se axiologicamente (e ideologicamente) frente aos discursos que compõem seu texto-enunciado, tecendo, em adição, suas considerações em torno dos estudos em tela.

Não obstante, em relação à segunda função do recurso estilístico referido neste tópico, considerando o acabamento estrutural do gênero *seminário*, pontuamos a necessidade de os expositores se atentarem à alternância dos sujeitos do discurso – uma das características centrais desse gênero –, portanto, à medida que os interlocutores se posicionam como

coautores do *seminário*. É nesse sentido que a 1ª pessoa do plural será agenciada pelos expositores a fim de propiciar uma interação global.

- (v) a introdução de sequências textuais dialogais (ADAM, 1992) com o uso de frases interrogativas, além das assertivas, ao longo da exposição;

Segundo Adam (1992), diferentemente das demais sequências textuais por ele apresentadas, as quais são construídas por um só interlocutor, a sequência dialogal é marcada por ser poligerada, isto é, só ocorre necessariamente a partir do envolvimento de dois ou mais interlocutores. Por haver interação entre os participantes marcada pela troca de turnos, essa sequência é a mais presente nos gêneros textuais na comunicação humana, como a conversa, o debate, a reunião.

No que se refere ao gênero *seminário*, Gonçalves (2009) explica que há introdução da sequência textual dialogal, posto que, em geral, os seminários são apresentados por grupos de dois ou mais alunos e, quando apresentado individualmente, também pode haver a participação do público e do próprio professor. Adam (1992) ainda explica que a sequência dialogal apresenta mais dois tipos de sequências, que são as fáticas e as transacionais. As primeiras podem ser de abertura ou fechamento da interação, e as segundas compõem o “interior” do ato comunicativo.

Ainda segundo Gonçalves (2009), as sequências dialogais são marcadas pela presença de frases interrogativas, geralmente empregadas quando surgem dúvidas, ou quando os próprios alunos usam como estratégia de apresentação, na medida em que antecipam possíveis questionamentos do público e os respondem de antemão. Também há forte presença de frases assertivas, as quais transmitem segurança e firmeza no discurso. No entanto, vale ressaltar que, conforme explicado no tópico (ii) da presente seção, as frases/orações declarativas são predominantes no gênero, embora seja possível identificar a presença de outras sequências textuais.

- (vi) a utilização do léxico fortemente influenciado pelo conteúdo temático.

Bakhtin (2003 [1979]) mostra que uma das instâncias constitutivas dos gêneros do discurso é o conteúdo temático, que diz respeito não só à unidade de sentido e ao objeto do discurso, mas também ao propósito discursivo (finalidade) dos interlocutores, conforme já explicitado na 2ª seção deste artigo. Com isso, acrescentamos que, a fim de que os expositores do seminário possam concretizar seu projeto de dizer, é preciso agenciar uma progressão de segmentos enunciativos em uma sequência lexical e fraseológica articulada em torno do objeto discursivo tematizado no/pelo gênero *seminário*. Esse processo, materializado linguisticamente, pode assegurar a *coesão sequencial* tal como indica Koch (2004, p. 39):

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir. Esta interdependência é garantida, em parte, pelo uso dos diversos mecanismos de seqüenciação existentes na língua e, em parte, pelo que se denomina progressão tópica.

Dentre os fatores que corroboram a coesão, Antunes (2010, p. 180, grifos da autora) destaca a colocação, observando que ao fenômeno da “co-ocorrência de palavras num mesmo segmento [denominado na linguística por *colocação*] é atribuído, inclusivamente por Halliday e Hasan (1976), uma função coesiva preponderante, pois se instaura pelo fato de *as palavras tenderem a ocorrer junto a determinadas outras e não junto a qualquer uma.*” Esse mecanismo, de acordo com Koch (2004), pode garantir a continuidade do sentido, a progressão textual e, conseqüentemente, a manutenção do tema.

Em síntese, ao mobilizar procedimentos lingüísticos que garantam a coesão e a coerência do texto-enunciado do gênero *seminário*, agenciando, para tanto, recursos léxico-gramaticais circunscritos à unidade de sentido e ligados ao objeto discursivo escolhido pelos expositores, pode-se conferir a conclusibilidade ao enunciado, de forma a assegurar a apreciação, a análise crítica e a divulgação de estudos acadêmico-científicos específicos pelos expositores, a fim de tanto construir inteligibilidades em relação ao tema do *seminário* quanto incitar os interlocutores ao diálogo em torno da(s) tese(s) e argumentos apresentados.

Além das projeções estilísticas pontuadas/explicadas por Gonçalves (2009), compreendemos, sob o matiz dos escritos bakhtinianos, que no texto-enunciado típico *seminário acadêmico* engendram-se:

- (i) o enquadramento e a reenunção de discurso direto;
- (ii) o enquadramento e a reenunção de discurso indireto;
- (iii) a intercalação de gêneros do discurso outros.

Acerca da reenunção do discurso de outrem, Bakhtin [Volochínov] (2006[1929]) procura(m) caracterizar os esquemas e as variantes dos discursos diretos, indiretos e indireto livre, contrastando-os em relação aos aspectos estilísticos, mais detidamente, em função da entonação valorativa. O(s) autor(es) mostra(m) que há duas orientações da dinâmica da inter-relação da enunciação e do discurso citado, a saber: (1) o *estilo linear* e (2) o *estilo pictórico*. A tendência principal da primeira orientação, segundo Bakhtin [Volochínov] (2006[1929], p.148-150) é “criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado”, visando “à conservação da sua integridade e autenticidade”. A segunda orientação, por sua vez, tende a “atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem” por meio de um processo linguístico de elaboração mais sutil e versátil de inter-relação discursiva “para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929],p.150).

Ao elencar(em) as variantes dos discursos diretos, distingue(m)-as no tocante aos pontos de vista, à valoração e à tonalidade emocional, caracterizando, em adição, as peculiaridades das escolhas lexicais de cada variante em função da projeção semântico-objetal do objeto do discurso. Posto isso, divide(m) os discursos diretos em: (i) discurso direto preparado; (ii) discurso direto esvaziado; (iii) discurso citado antecipado e disseminado; (iv) variante de discursos e contextos entrecruzados (interferências de discurso); (v) discurso direto retórico; e (vi) discurso direto substituído. Em síntese, na voz do(s) autor(es): “o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929], p. 144).

Já no que se refere às configurações do discurso indireto, Bakhtin [Volochínov] (2006[1929], p. 159, grifos do[s] autor[es]) mostra(m) que

[...] a tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos *emocionais* e *afetivos* do discurso não são literalmente transpostos ao discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo mas nas *formas* da enunciação. [...] As peculiaridades de construção e de entonação dos enunciados interrogativos, exclamativos e imperativos não se conservam no discurso indireto, aparecendo apenas no conteúdo. O discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado.

Em outras palavras, o discurso indireto é marcado pela expressão das intenções do autor, gerando, dessa forma, enunciados mais coloridos. Daí a conclusão de Bakhtin [Voločínov] (2006[1929], p. 159): “A análise é a alma do discurso indireto.” Em seguida, o(s) autor(es) aponta(m) às duas direções dos discursos indiretos, quais sejam: “*discurso indireto analisador de conteúdo* [e] *discurso indireto analisador da expressão*” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929], p. 161, grifos do[s] autor[es]).

A primeira variante do discurso indireto tende a apreender o plano temático da enunciação de outrem, na medida em que os aspectos revalorados dizem respeito à materialização da entonação expressiva e a posição valorativa de conteúdo semântico a partir do discurso de outrem. Nas palavras do(s) autor(es), o discurso indireto analisador de conteúdo “manifesta um forte interesse pelo conteúdo semântico, [...] onde o autor afirma através de suas próprias palavras, com sua própria personalidade, uma posição de forte conteúdo semântico” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929], p. 161).

O discurso indireto analisador da expressão, por sua vez, concentra-se na representação da expressividade subjetiva (nas configurações estilísticas do discurso de outrem) marcada por um julgamento de valor do autor sobre o modo de expressão de outrem. O(s) autor(es) ainda destaca(m) que

Pode-se também apreender e transmitir de forma analítica a enunciação de outrem enquanto expressão que caracteriza não só o objeto do discurso [...] mas ainda o próprio falante [...]; seu estado de espírito expresso não só no conteúdo mas nas formas do discurso (por exemplo, a fala entrecortada, a escolha da ordem das palavras, a entonação expressiva). (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929], p. 160).

Há ainda a variante impressionista do discurso indireto por meio da qual a entoação do autor frui livremente, tornando ainda mais perceptível, por exemplo, a sua ironia. Por fim, Bakhtin [Volochínov] (2006[1929], p. 173) caracteriza(m) o discurso indireto livre, apontando que a identificação de uma orientação discursiva outra na enunciação pode ser propiciada pelo desvelamento dos índices semânticos, das apreciações valorativas e das entoações oriundas de uma voz diferente daquela do autor.

Ao discorrer(em) acerca dessa gama de variantes das formas de inter-relação de discursos, no entanto, Bakhtin [Volochínov] (2006[1929], p. 153) distingue(m) o uso dessas variantes nos discursos literários e nos discursos de outras esferas da atividade humana. Além disso, destaca(m) que

É importante determinar o peso específico dos discursos retórico, judicial ou político na consciência linguística de um dado grupo social numa determinada época. Além disso, é importante levar sempre em conta a posição que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de valores.

Atentando-nos ao estudo da língua em uso, na perspectiva do Círculo de Bakhtin, reiteramos que o exame da relação entre a orientação exterior e a orientação interior do discurso é fundamental para a compreensão da enunciação enquanto ato social. Nesse sentido, ressaltamos que a reenunciação do discurso de outrem, no gênero *seminário*, pode ser agenciada para consociar-se ao discurso do(s) expositor(es) ou para ser refutada, de modo a legitimar a tese defendida pelo(s) autores do texto-enunciado tendo em vista os interlocutores, o espaço social e o tempo histórico. O quadro a seguir sintetiza as projeções supracitadas sob a baliza do gênero *seminário acadêmico*:

Tabela 02 – Projeções estilísticas no/do gênero *seminário acadêmico*

Projeções estilísticas	
Enquadramento e reenunciação de discurso direto	É a voz de outrem de forma literal no enunciado do sujeito-autor. Há citação direta curta e citação direta longa.
Enquadramento e reenunciação de discurso indireto	É voz de outrem demarcada por elementos léxico-gramaticais que circunscrevem a alternância de vozes no enunciado do sujeito-autor. Pode ocorrer a paráfrase.

Intercalação de gêneros	Gêneros que se intercalam na situação interlocutiva mediada pelo texto-enunciado típico <i>seminário acadêmico</i> : handouts, infográficos, mapas, etc.
-------------------------	--

Fonte: Autor

Quanto à composicionalidade, nos escritos do Círculo, esta corresponde aos procedimentos de disposição, orquestração e acabamento do enunciado e leva em consideração a mobilização dos participantes da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003 [1979]). É a organização material do enunciado. Em relação à composicionalidade do gênero, especificamente o plano global, Gonçalves (2009, p. 8) explica que há:

- (i) a fase de abertura – é a fase da introdução do conteúdo temático, assim como da apresentação do plano de exposição, desenvolvimento e encadeamento de temas e subtemas;
- (ii) a fase de recapitulação;
- (iii) a fase de conclusão e encerramento.

As fases, segundo o autor, são encadeadas e seguem a integridade da progressão temática em torno do objeto de discurso do seminário. Além disso, com bases nas fases propostas por Gonçalves (2009), concordamos com Medeiros (2012) que explica que a duração de um seminário e, portanto, o encadeamento das fases, é determinado pela extensão ou complexidade do assunto ou estudo em tela. Assim, pode haver seminários enxutos, como, por outro lado, seminários longos. Medeiros (2012) ainda explica as modalidades comumente realizáveis de seminários. Na voz do autor,

A duração de um seminário é determinada pela extensão e profundidade que o assunto ou estudo exige. A exposição só acontece depois de várias reuniões e discussões do grupo. Há várias formas de seminário. As mais comuns são: clássico, clássico em grupo, em grupo. No primeiro caso, um aluno se responsabiliza pelo estudo e exposição do conteúdo, do resultado do estudo realizado; no segundo, um grupo de cinco a doze se responsabiliza pelo estudo e exposição do assunto. Finalmente, na modalidade em grupo, todos os alunos de uma classe são participantes, e não meros espectadores. (MEDEIROS, 2012, p. 19).

Em relação à mobilização dos participantes da situação interativa mediada pelo gênero *seminário*, segundo Medeiros (2012, p. 19), “todo grupo tem um coordenador, um relator e um secretário”. O coordenador atua como o gerenciador das ações, administrando as tarefas a serem realizadas durante a preparação do seminário. O relator (ou relatores) é aquele responsável pela apresentação em si do seminário. Ao secretário, por sua vez, de acordo com Medeiros (2012, p. 19), “cabe a tarefa de anotar as ideias discutidas nas reuniões [...]”

Ao final, ressaltamos, novamente, a importância de entender que, por ser uma prática de uso da língua em eventos situados/específicos, não há regras universais (prescritivas) ou modelizadoras para o funcionamento do gênero *seminário acadêmico*. Reiteramos que, diferentemente de um tom modelizador ou prescritivo (engessado/cristalizado), apenas apresentamos *orientações gerais* que possam assistir qualquer estudante ou professor no uso desse texto-enunciado. Portanto, como qualquer texto-enunciado típico que circula e funciona nas diferentes esferas de atividade humana (BAKHTIN, 2003 [1979]), o gênero *seminário acadêmico* é fluido, plástico e dinâmico. Em outras palavras, “a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana [...]” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 262).

5. OS GÊNEROS DO DISCURSO E A MEDIAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Britto (1997) defende a proposta que o ensino da linguagem seja ao mesmo tempo operacional e reflexivo. Em outras palavras, que as práticas de ensino viabilizem que professor e aluno engajem-se em interações concretas e, por conseguinte, assumam papéis de autênticos interlocutores. A *abordagem operacional e reflexiva* pressupõe, segundo o autor,

1. A relação do sujeito com a linguagem, destacando-se a importância das noções de trabalho e de criatividade;
2. O funcionamento da linguagem e as ações linguísticas;
3. As práticas pedagógicas em uma perspectiva sociointeracionista. (BRITTO, 1997, p. 154).

O primeiro aspecto implica que sujeito e linguagem, distantes de uma concepção subjetivista-idealista e objetivista abstrata (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006 [1929]), são compreendidos sob a perspectiva sócio-histórico-cultural. Em outras palavras, o sujeito-aluno e o sujeito-professor engajam-se no acontecimento interlocutivo “aula” coconstruindo sentidos

nesta situação de interação. Em relação ao funcionamento da linguagem e as ações linguísticas, Britto (1997) retoma a explicação de Geraldi (1997 [1991]) acerca dos três tipos de ações: ações *com* a linguagem (o uso situado da língua que o sujeito realiza quando coparticipa/se engaja em relações intersubjetivas); ações *sobre* a linguagem (a ação criativa do sujeito de construir sentido(s) para seu discurso por meio de recursos expressivos vários); e as ações *da* linguagem (as constrações e as possibilidades formais da linguagem em uso). Ao final, as práticas pedagógicas sob o prisma sociointeracionista implica a compreensão de que “[...] toda prática pedagógica parte da palavra do aluno e da contrapalavra⁷ do professor.” (BRITTO, 1997, p. 159).

A partir disso, o texto-enunciado, nas suas formas típicas – os gêneros do discurso – caracteriza-se como o ponto de partida e de chegada de todo o processo didático-pedagógico. O texto-enunciado passa a ser a unidade de trabalho a partir do qual professores e alunos interagem em situações específicas de comunicação social, potencializando a compreensão e a (re)significação das variadas práticas de linguagem pelos alunos. Geraldi (1997), a esse respeito, reitera a posição de que o texto (texto-enunciado) precisa ser considerado a unidade articuladora/mediadora das práticas de ensino, pois é sempre por meio de textos (textos-enunciados) que sujeitos dizem algo a outrem e, por essa razão, engajam-se em interlocuções vivas.

O autor ainda propõe que haja uma integração entre as práticas de leitura, de escrita e de análise linguística, consideradas como unidades básicas de ensino nas aulas de linguagem. Ao compartilharmos das considerações do autor, propomos abaixo uma relação entre as unidades básicas de ensino e de aprendizagem e o gênero *seminário acadêmico*, foco de nossa discussão:

Tabela 03: Unidades básicas e (medi)ações docentes no trabalho com o gênero *seminário acadêmico*

Unidades básicas	(Medi)Ações docentes
Leitura	Leitura de textos-enunciados que funcionem como referências básicas para a pesquisa e posterior mediação do <i>seminário</i> em sala.

⁷ Na acepção do Círculo de Bakhtin.

Escrita	Escrita de textos-enunciados do gênero <i>resumo informativo</i> , <i>fichamento</i> ou <i>resenha</i> como práticas de escritas que sustentam a orquestração de tópicos a serem abordados no <i>seminário</i> com base na leitura das referências básicas.
Análise linguística	Análise dos diversos recursos estilístico-composicionais do gênero <i>seminário</i> que serão agenciados para a elaboração e mediação desse gênero em sala.

Fonte: Autor

Com base em Geraldi (1997) e à luz dos pressupostos teórico-epistemológicos do Círculo de Bakhtin, em especial acerca dos conceitos de enunciado (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]) e gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003 [1979]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]), compreendemos que a prática de leitura não apenas possibilita a participação do sujeito em responder (reagir responsivamente) ao dizer de outrem, como, por conseguinte, conforme Rojo (2002), ensina o aluno a reconhecer, localizar, compreender e interpretar os significados dos textos (textos-enunciados).

A partir da prática de escrita, por sua vez, o aluno engaja-se em situações que o possibilitam articular/construir pontos de vista sobre o mundo que o cerca e a reconstruir conhecimento(s) sobre o tema que pesquisa. Em outras palavras, viabiliza que o aluno não apenas valore⁸ (em termos de tons apreciativos) o que diz, mas, sobretudo, assumo-se autor⁹ sobre o que diz a outrem.

E com a análise linguística, integrada às práticas de leitura e de escrita, o professor pode promover a reflexão sobre a linguagem em uso, não apenas em torno da própria atividade linguística, mas, por meio dela, agenciar atividades epilinguísticas e metalinguísticas (GERALDI, 1997 [1991]). Em síntese, compreendemos que a proposta em tela ratifica o encaminhamento de um trabalho com gêneros do discurso como articuladores/mediadores das unidades básicas de ensino e aprendizagem. Além disso, reitera a importância do trabalho

⁸ Ver as discussões de Acosta-Pereira; Rodrigues (2014) sobre a inter-relação entre ideologia e valorização.

⁹ Entendemos autoria como *posição autoral*, conforme os escritos do Círculo.

com a linguagem em uso, nas aulas de linguagem; ou seja, o trabalho com as práticas discursivas correntes à luz de uma pedagogia de base enunciativo-discursiva.

A esse respeito, Rojo (2002) defende a ideia de que tomar os gêneros do discurso como objeto de ensino (e o texto-enunciado como unidade) permite/possibilita ao aluno constituir-se como sujeito que faz uso da linguagem, inserindo-se em atividades/práticas que envolvem, de forma confluyente, capacidades linguísticas, textuais e discursivas, além, por conseguinte, de sua compreensão ideológico-valorativa (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006 [1929]) da situação de interação da qual se engaja. Assim, todo aluno pode compreender que,

[...] todo o discurso é *dialógico*, dirigido a outra pessoa, à sua *compreensão* e a sua efetiva *resposta* potencial. [...] [a] orientação social estará sempre presente em qualquer enunciação do homem, não só verbal, mas também gestual [...]. (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 168-169, grifos do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que todo gênero do discurso possui uma lógica concreta orgânica (BAKHTIN, 2008 [1962]). Assim, cada gênero traz em si uma apreciação da realidade (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]), que lhe é específica e diferente dos demais gêneros do discurso. Portanto, todo gênero contém e molda experiências sociais, dado que o gênero é um modo social de compreender e apreender uma conceitualização típica de mundo. A seleção de elementos, dispositivos ou temas específicos é, portanto, uma projeção dessa conceitualização, conforme discutido nas seções anteriores.

O gênero *seminário acadêmico* é um modo específico de engajar-se em uma situação de interação na esfera acadêmica. Apresentar uma pesquisa para uma audiência específica, com fins determinados e um conteúdo temático endereçado nas feições do gênero reitera a ideia de que vemos a realidade com os “olhos do gênero” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 199), isto é, os gêneros são formas de se conceitualizar as experiências humanas. Os gêneros são, de fato, uma percepção particular da experiência social.

Finalmente, compreendemos que o trabalho com o gênero *seminário acadêmico*, sob a ótica de uma pedagogia enunciativo-discursiva, ratifica o trabalho com: (i) o uso da linguagem em contextos sociais de interação; (ii) as práticas didático-pedagógicas contextualizadas e situadas; (iii) a prática de leitura como uma atividade social, histórica e cultural; (iv) a prática de escrita como atividade social, histórica e cultural e; (v) a mediação a partir do gênero do discurso como articulador que catalisa (SIGNORINI, 2006) e desencadeia atividades avaliativas de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-PEREIRA, R. **O gênero carta de conselhos em revistas online**: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda. Tese (Doutorado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2012.

_____; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 14, p. 177-194, 2014.

_____. BRAGA, S. Ler e escrever na Universidade: um fazer sócio-histórico cultural. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 15, p. 303-320, 2015.

ADAM, J. M. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992.

ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

AQUINO, I. S. **Como falar em encontros científicos**: do seminário em sala de aula a congressos internacionais. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____[VOLOCHÍNOV, V. N.] **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. 12º ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

BALTAR, M. A. R; CERUTTI-RIZZATTI, M. E; ZANDOMENEGO, D. **Leitura e produção textual acadêmica I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: Educ, 2003.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1991].

GONÇALVES, A. V. O gênero *seminário* como objeto de ensino-aprendizagem: modelo didático. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS EM GÊNEROS TEXTUAIS, V. **Anais do V SIGET**. Caxias do Sul, RS, 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. New York: Longman, 1976.

HEATH, S. B. **Ways with words: Language, life, and work in communities and classrooms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KOCH, I.G.V. **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Ed.Martins Fontes, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.

MINICUCCI, A. **Dinâmica de grupo: teorias e sistemas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

RODRIGUES, R. H. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. 347 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo-SP, 2001.

ROJO, R. (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SIGNORINI, Inês (Org.). **Gêneros catalisadores: letramento e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João W. Geraldi. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2013.

Rodrigo ACOSTA-PEREIRA

Graduado em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas pela UFSM (CNPq). Mestre em Linguística, na área de concentração Linguística Aplicada, pela UFSC (CAPES). Doutor em Linguística, na área de concentração Linguística Aplicada, na UFSC (CNPq). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de língua materna na esfera escolar, formação de professores, análise de gêneros do discurso, análise dialógica do(s) discurso(s), escritos do Círculo de Bakhtin. Atualmente é professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, campus central de Florianópolis-SC.

Amanda Maria de OLIVEIRA

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014). Atualmente é bolsista de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina (CNPq).

Luan KOROLL

Participou do Projeto de Pesquisa Literatura infantojuvenil e formação do leitor: a representação discursiva do trabalho e da tecnologia, desenvolvendo o Plano de Trabalho Formação de leitores: a prática docente e a educação para a literatura (2013-2014), sob a orientação da Profª. Drª. Alice Atsuko Matsuda, por meio do Programa de Voluntariado em Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no campus de Curitiba-PR. Também atuou como bolsista da CAPES pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no subprojeto PIBID-Português da UFSC (2014-2015). Além disso, desenvolveu pesquisa, como bolsista de Iniciação Científica (CNPq), no Projeto de Pesquisa Gêneros jornalísticos híbridos: fronteirização e dialogismo, sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira. Atualmente, é acadêmico do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa - da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no campus central de Florianópolis-SC. Não obstante, é vinculado ao Grupo de Estudos Linguagem e Dialogismo - GELID (UFSC/NELA) e ao Grupo de Pesquisa Discursos sobre Tecnologia, Trabalho e Identidades (PPGTE/UTFPR/CT).

Recebido em fevereiro/2016 – Aceito em março/2016